

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
CAPÍTULO 2	16
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
CAPÍTULO 3	32
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
CAPÍTULO 4	42
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
CAPÍTULO 5	52
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
CAPÍTULO 6	64
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
CAPÍTULO 7	71
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
CAPÍTULO 8	74
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

CAPÍTULO 9	84
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
Guilherme Carrozza	
DOI 10.22533/at.ed.8071924049	
CAPÍTULO 10	96
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
Vanderlei Antonio Bachega Junior	
DOI 10.22533/at.ed.80719240410	
CAPÍTULO 11	103
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
Adão Fernandes Lopes	
Denise Dias de Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.80719240411	
CAPÍTULO 12	117
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
Fernanda Luzia de Almeida Miranda	
Tuise Brito Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.80719240412	
CAPÍTULO 13	128
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
Rosangela Maria Laurindo Fornasier	
Tatiana Iegoroff de Mattos	
Fernanda Landucci Ortale	
DOI 10.22533/at.ed.80719240413	
CAPÍTULO 14	140
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
Ana Clara Vieira da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.80719240414	
CAPÍTULO 15	150
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
Bianca Cardoso Batista	
Vagner Bozzetto	
DOI 10.22533/at.ed.80719240415	
CAPÍTULO 16	164
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
Cristiane Wosniak	
Rodrigo Oliva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240416	

CAPÍTULO 17	177
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240417	
CAPÍTULO 18	187
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240418	
CAPÍTULO 19	200
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
DOI 10.22533/at.ed.80719240419	
CAPÍTULO 20	212
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240420	
CAPÍTULO 21	224
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240421	
CAPÍTULO 22	229
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
DOI 10.22533/at.ed.80719240422	
CAPÍTULO 23	239
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
DOI 10.22533/at.ed.80719240423	

CAPÍTULO 24	254
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240424	
CAPÍTULO 25	264
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.80719240425	
CAPÍTULO 26	279
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.80719240426	
CAPÍTULO 27	285
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240427	
CAPÍTULO 28	291
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.80719240428	
CAPÍTULO 29	304
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240429	
CAPÍTULO 30	317
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	329

MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME *ELLA E JOHN*

Bianca Cardoso Batista

Doutoranda em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Santa Cruz do Sul – RS.

Vagner Bozzetto

Mestrando em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Santa Cruz do Sul – RS.

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do mal de Alzheimer, abordado no filme *Ella e John* (Leisure Seeker, 2018). Como metodologia, será empregada a revisão bibliográfica sobre a evolução da ciência cognitiva (Gardner, 1995; Sternberg, 2000), a memória, o envelhecimento (Baddeley, Anderson, e Eysenck, 2011; Izquierdo, 2014) e a doença de Alzheimer (Craik & Salthouse, 2008; Vono, 2009), assim como determinados aspectos da película. Na obra, um casal de aposentados septuagenários decide realizar uma última viagem de Boston até a casa de Ernest Hemingway, na Florida. O desafio consiste em realizar o passeio antes que o Alzheimer dele e o câncer dela inviabilize tal iniciativa. Um dos momentos-chave do filme para o estudo se dá quando John confessa para a esposa que não consegue concluir a

leitura de nenhum conto de Hemingway, pois se vê obrigado a voltar para páginas anteriores, repetidas vezes, para lembrar da história.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Doença de Alzheimer. Envelhecimento. Cinema.

ABSTRACT: The present work aims to reflect on the relations between memory and learning, relating the theme to the problem of Alzheimer's disease, addressed in the film *Leisure Seeker* (2018). As a methodology, the literature review on the evolution of cognitive science (Gardner, 1995; Sternberg, 2000), memory, aging (Baddeley, Anderson, and Eysenck, 2011; Izquierdo, 2014) and Alzheimer's disease (Craik & Salthouse, 2008; Vono, 2009), as well as certain aspects of the film. In the movie, a couple of septuagenarian retirees decide to make a last trip from Boston to the home of Ernest Hemingway, Florida. The challenge is to take the ride before his Alzheimer's and her cancer make this initiative unfeasible. One of the key moments in the film for the study comes when John confesses to his wife that he can't complete the reading of any of Hemingway's short stories, as he is forced to go back to previous pages repeatedly to remember the story.

KEYWORDS: Memory. Alzheimer's disease. Aging. Movie.

1 | INTRODUÇÃO

Ao mesmo tempo em que encanta, o tempo também é fonte de inevitável temor. Como lidar com a finitude diante de um universo aparentemente infinito e em constante expansão? Alguns aspectos da natureza foram compreendidos e dominados, mas essa força que tudo move adiante continua inerentemente autônoma e soberana. Existe, entretanto, uma forma modesta, mas eficiente de revisitar o ontem. A ferramenta capaz de amenizar essa condição arbitrária é a memória.

Como funcionam as engrenagens dessa ferramenta? Essa é uma questão que intriga a humanidade há milênios. Desde os filósofos gregos, a natureza do conhecimento e como este é representado na mente é fruto de investigação. Atualmente, essas questões envolvem intenso esforço multidisciplinar, sobretudo por parte da ciência cognitiva. Esse interesse pode ser observado também na intensa produção de obras cinematográficas que exploram algum tipo de envolvimento com a memória ou ainda com patologias e danos (causados natural ou acidentalmente) que afetam o funcionamento dela.

Divertida Mente (2015), *Para Sempre Alice* (2014), *Como se fosse a primeira vez* (2004), *Brilho Eterno de uma mente sem lembranças* (2004), *Amnésia* (2000) são apenas alguns exemplos de filmes, de diferentes gêneros, que apresentam a memória (ou problemas a ela relacionados) nos seus enredos centrais ou secundários. Neste cenário, percebe-se a importância de compreender o funcionamento da mente e da memória para a sociedade, de um modo geral.

Com o intuito de trazer esse tema para a área de pesquisa acadêmica, o presente artigo se propõe a realizar um levantamento bibliográfico sobre os avanços realizados pela ciência cognitiva no que tange aos estudos sobre memória, assim como as implicações dessas descobertas para as pesquisas sobre a doença de Alzheimer. De forma auxiliar, busca-se formar um panorama ilustrativo sobre o assunto a partir de momentos-chave da obra cinematográfica *Ella e John* (2018). A história se desenvolve a partir da perspectiva do casal de aposentados septuagenários Ella (Helen Mirren) e John (Donald Sutherland). Desafiando as circunstâncias (o câncer de Ella e o Alzheimer de John), os dois decidem realizar uma última viagem com o velho *motorhome* da família, saindo de Boston e tendo como destino a antiga casa de Ernest Hemingway, na Flórida. Durante o percurso, inúmeras situações evidenciam os dilemas e desafios que os portadores de Alzheimer e seus familiares se deparam em decorrência da evolução do quadro patológico.

2 | COMPLEXA E MISTERIOSA: A MEMÓRIA

A memória geralmente é concebida pelos pesquisadores da psicologia cognitiva através de conjecturas estruturais. São formuladas classificações de acordo com o tipo de problema de pesquisa em foco. O foco de interesse reside na tentativa de descobrir

como ocorre, a partir da atividade cerebral, a representação dos dados memorizados. Nesse sentido, a memória, segundo Izquierdo (2014, p.13) consiste na “aquisição, formação, conservação e evocação de informações”. Essa aquisição também é denominada aprendizado e a evocação é também chamada de recordação, lembrança ou recuperação. O ser humano lembra aquilo que armazenou, isto é, aquilo que foi aprendido. Por sua vez, Sternberg (2000, p. 204) define a memória como “o meio pelo qual você recorre às suas experiências passadas a fim de usar essas informações no presente; refere-se a um processo de mecanismos dinâmicos associados à retenção e recuperação da informação sobre a experiência passada”. Já Gleitman, Fridlund e Reisberg (2003) salientam que a memória não é uma entidade unificada. Assim, o termo *memória* refere-se a inúmeros processos distintos cuja principal função consiste em estabelecer uma ponte entre o passado e o presente. Uma vez que os processos são diversos, compreende-se que há, na verdade, *memórias*.

A mente humana é um universo fascinante, imbricado e complexo que abrange muito mais do que apenas a memória. Izquierdo (2004) explica que entre as principais funções mentais estão a percepção, o nível de alerta, as escolhas do que o indivíduo quer perceber, recordar ou aprender, as decisões relativas ao que ele quer ou não fazer e tudo que está envolvido aos conceitos de inteligência e consciência. Todas estas variáveis são fortemente influenciadas pela memória e vice-versa. Entretanto, reconhece que embora a mente seja descrita, em âmbito geral, mais facilmente do que em um comparativo a tempos passados, “a função mental em cada circunstância específica de nossas vidas continua sendo um mistério” (2004, p. 7).

Já nos estudos sobre a fisiologia cerebral, entende-se que as memórias são criadas através das células nervosas, os neurônios, que se armazenam em circuitos de neurônios e são evocadas pelos mesmos circuitos neuronais ou por outros. São moldadas de acordo com as emoções, o nível de consciência e os estados de ânimo do indivíduo. A facilidade de aprender ou lembrar algo é claramente perceptível quando o ser humano está disposto e animado; em contrapartida, o cansaço, a depressão ou níveis elevados de estresse tornam o aprendizado uma tarefa árdua. Nesses casos, quaisquer tarefas que exijam o menor nível de concentração como, por exemplo, lembrar o nome de uma pessoa ou de uma música se tornam um desafio.

Nesta perspectiva, antes de aprofundar os estudos sobre os diferentes tipos de memória, suas especificidades e características, é necessário conhecer a evolução de alguns estudos a ela dedicados ao longo dos anos. O tópico a seguir apresenta uma contextualização sobre as pesquisas envolvendo memória e os avanços nas pesquisas relacionadas à aquisição de conhecimento, de modo geral.

3 | A EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE MEMÓRIA

A ciência cognitiva busca, através de um considerável empenho interdisciplinar, resolver os problemas da natureza da aprendizagem e dos processos mnemônicos.

Uma ampla gama de ciências estão integradas nas descobertas da cognição, tais como a filosofia, a inteligência artificial, a antropologia, a linguística, a neurociência e a psicologia. Isso pode ser identificado a seguir, através do conceito de Gardner (1995, p. 20) acerca do tema:

Defino a ciência cognitiva como um esforço contemporâneo, com fundamentação empírica, para responder questões epistemológicas de longa data – principalmente aquelas relativas à natureza do conhecimento, seus componentes, suas origens, seu desenvolvimento e seu emprego. Embora o termo ciência cognitiva seja às vezes ampliado, passando a incluir todas as formas de conhecimento – tanto animado como inanimado, tanto humano como não humano – aplico o termo sobretudo a esforços para explicar o conhecimento humano. Interessa-me saber se questões que intrigavam nossos ancestrais filosóficos podem ser definitivamente respondidas, ilustrativamente reformuladas, ou permanentemente abandonadas. Hoje a ciência cognitiva tem a chave para decidir.

Diante disso, na medida em que a psicologia se tornou uma disciplina científica com foco na mente e no comportamento humano, ela gradualmente se distanciou da filosofia e da medicina. Atualmente, embora as três áreas estejam essencialmente separadas, elas não são completamente distintas, já que muitas questões permeiam ambos os campos de estudo.

O *estruturalismo* é, geralmente, considerado como a primeira escola principal de pensamento em psicologia. Seu objetivo era compreender a estrutura, isto é, a configuração de elementos da mente e suas percepções, levando em consideração a constituição destas (STERNBERG, 2000). Uma alternativa ao *estruturalismo* foi o *funcionalismo*, cuja proposta sugeria que os psicólogos focassem nos processos de pensamento e não no seu conteúdo. O *pragmatismo* tinha como objetivo de estudo não apenas desvendar o que as pessoas fazem, mas também o que elas podem fazer com o conhecimento do que elas fazem (GARDNER, 1995; STERNBERG, 2000). O *associacionismo*, por sua vez, analisa o modo pelo qual as ideias podem associar-se reciprocamente na mente do sujeito com o objetivo de se tornarem uma forma de aprendizagem (STERNBERG, 2000). Tal escola fundamentou a base do *behaviorismo* e dos modelos de cognição baseados em conexões mentais (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011). Conforme analisa Sternberg (2000), por volta da metade do século XX, os progressos científicos e avanços tecnológicos começaram a influenciar o modo através do qual os psicólogos concebiam a mente humana. Usando o computador digital como analogia, a memória humana podia ser vista como constituída de um ou mais sistemas de armazenamento. Qualquer sistema de memória – físico, eletrônico ou humano – requer três qualidades: as capacidades de codificar, ou introduzir a informação no sistema, de armazenar e – em seguida – de encontrar e evocar essa informação (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011).

4 | AS DIVERSAS CLASSIFICAÇÕES DE MEMÓRIA

Baddeley, Anderson e Eysenck (2011) explicam que os seres humanos usam as distinções entre os tipos de memória como uma maneira de organizar e estruturar o seu conhecimento a respeito da memória humana. Neste sentido, defendem a existência de sistemas independentes de memória sensorial, de curta e de longa duração, que são subdivididos em elementos fragmentados. Presumem que o fluxo simples de informação do ambiente para a memória de longa duração e acreditam que a informação flui em ambas as direções. Isso pode ser observado, por exemplo, no conhecimento de mundo do sujeito, que fica armazenado na memória de longa duração e pode influenciar o seu foco de atenção, o que determinará a alimentação dos sistemas de memória sensorial, o seu processamento, e a possibilidade da lembrança ser acessada posteriormente.

Baddeley, Anderson, e Eysenck definem como memória de curta duração (do inglês *short-term memory*), a “retenção temporária de pequenas quantidades de material sobre breves períodos de tempo.” (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011, p. 21). Explicam, ainda que na maioria das situações “há a probabilidade de haver uma contribuição ao desempenho por parte da memória de longa duração que terá de ser levada em conta na avaliação do papel de um ou mais sistemas de armazenamento.” (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011, p. 21-22). Ressaltam, no entanto, que a memória de curta duração não está restrita ao material verbal e foi amplamente estudada no que diz respeito à informação visual e espacial, porém, de maneira menos aprofundada quanto ao olfato e ao tato.

O conceito de memória de trabalho (do inglês *working memory*) fundamenta-se na suposição de que existe um sistema para a manutenção e manipulação temporárias de informação, e de que isso é útil para a realização de inúmeras tarefas. Distintos modelos de memória de trabalho foram propostos e a natureza de cada modelo varia de acordo com a área de interesse do teórico. No entanto, a maioria acredita que a memória de trabalho funciona como um tipo de espaço operacional mental, que oferece uma base para ponderações. Normalmente acredita-se que ela esteja ligada à atenção e que seja capaz de recorrer a outros recursos dentro da memória de curta e de longa duração. De qualquer modo, a maioria das abordagens ressalta o papel da memória em relação ao da atenção (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011).

Já a memória de longa duração (do inglês *long-term memory*), como proposta por Squire (1992), subdivide-se em memória explícita ou declarativa e memória implícita ou não declarativa. A memória explícita está relacionada tanto a eventos específicos quanto fatos ou informações sobre o mundo. A memória implícita relaciona-se a situações nas quais o aprendizado ocorreu de alguma forma, mas que se refletem no *desempenho* em lugar da lembrança evidente. Tem relação, inclusive, com atividades motoras como andar de bicicleta ou guiar um automóvel, por exemplo.

Endel Tulving (1972) propôs a divisão da memória explícita em memória semântica

e episódica, iniciativa amplamente adotada por diversos pesquisadores desde então. A memória semântica se refere ao conhecimento sobre o mundo. Baddeley, Anderson, e Eysenck (2011, p. 23) explicam que:

Ela vai além do simples conhecimento do significado das palavras e se estende a atributos sensoriais como a cor de um limão e o sabor de uma maçã. Também inclui o conhecimento geral sobre como a sociedade funciona, o que fazer quando se entra em um restaurante ou como reservar um assento no teatro. Ela é inerentemente de natureza geral, embora possa, em princípio, ser adquirida em uma única ocasião.

A memória episódica, por sua vez, configura-se como a capacidade de lembrar algum episódio ou acontecimento específico. Diante disso, observa-se que um dado acontecimento pode ser registrado em ambos os tipos de memória. Tulving (1972) aplica o termo memória episódica a circunstâncias em que efetivamente se revive aspectos do episódio original. Para ele, essa capacidade se assemelha a uma “viagem mental no tempo”, pois permite que o indivíduo relembre e “reviva” um dado acontecimento. Além disso, oferece a possibilidade de utilizar essa informação para planejar uma determinada ação futura.

Algumas problematizações acerca dos tipos de memória são ligadas ao modo pelo qual se estabelecem as relações entre as memórias semântica e episódica. Para Baddeley, Anderson e Eysenk (2011), uma possibilidade é de que a memória semântica seja apenas o resíduo de muitos episódios. Neste sentido, a memória episódica reforçar ou estimular a formação da memória semântica justifica a ideia de que a maioria dos pacientes amnésicos tem dificuldades na formação de um novo conhecimento semântico. “Isso sugere que, embora as memórias semântica e episódica possivelmente envolvam sistemas separados, elas claramente interagem.” (TULVING, 2002 apud BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011, p. 24).

5 | A MEMÓRIA SEGUNDO IZQUIERDO

Para Izquierdo (2014), as memórias podem ser divididas, basicamente, em dois tipos, de acordo com sua função. A primeira é muito breve e fugaz. Sua finalidade é “gerenciar a realidade” e armazenar o contexto em que os diversos fatos, acontecimentos ou outro tipo de informação ocorrem. É chamada de memória de trabalho. Cabe a ela verificar se as informações adquiridas devem ou não constituir uma nova memória ou se é melhor descartar os últimos fatos. Neste sentido, sua finalidade é “manter durante alguns segundos, no máximo poucos minutos, a informação que está sendo processada no momento, e também para saber onde estamos [...] ou onde estávamos no momento anterior.” (IZQUIERDO, 2014, p.28). A memória de trabalho dá continuidade às ações do sujeito e se diferencia das demais por não deixar traços e não produzir arquivos. Um exemplo simples de memória de trabalho é ao perguntar ou pedir um número de telefone: a mente conserva esse dado pelo tempo suficiente para discá-lo e, em seguida, descarta a informação.

A segunda é a chamada memória declarativa. Ela é responsável por registrar fatos, eventos ou algum tipo de conhecimento. Recebe essa denominação porque o ser humano pode declarar sua existência e relatar como ela foi adquirida. As memórias declarativas podem ser episódicas ou autobiográficas, quando relacionadas a eventos aos quais o indivíduo assistiu ou participou; ou referentes as de conhecimentos gerais, chamadas de memórias semânticas. As recordações de eventos como um jantar, as lembranças de um rosto, filme ou de algo que o sujeito leu ou que lhe contaram são memórias episódicas. Assim, todas as memórias episódicas são autobiográficas. Por outro lado, os conhecimentos em Português ou do aroma de determinado prato são exemplos de memórias semânticas ou de índole geral (IZQUIERDO, 2014).

Existem, ainda, de acordo com Izquierdo (2014), outros tipos de memórias, como as procedurais, isto é, que envolvem procedimentos como capacidades ou habilidades motoras e sensoriais (hábitos) que não são facilmente declaráveis. Alguns exemplos são as memórias de como nadar ou equilibrar-se. Em suma, não é possível explicar verbalmente como o ser humano faz tais coisas, a única maneira de acessar a memória é, de fato, demonstrando.

6 | MEMÓRIA, ENVELHECIMENTO E A DOENÇA DE ALZHEIMER

O aumento da longevidade humana é um fato de caráter global e uma realidade que implica em mudanças substanciais nos programas de assistência e, de modo abrangente, no próprio contexto social em que os idosos encontram-se inseridos. As estimativas mais recentes indicam que, em 2050, a população contará com aproximadamente dois bilhões de pessoas idosas, tornando o bem-estar da terceira idade um desafio de saúde pública global. Outro estudo elucidativo sobre a complexidade do tema especula que já no ano de 2020, pela primeira vez na história, teremos mais pessoas acima dos 60 anos do que crianças de até cinco anos de idade (OMS, 2014). Essa constante também é percebida no Brasil, visto que a população manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017, um crescimento de 18% nesse grupo etário, acima das estimativas previstas em pesquisas efetuadas no início dos anos 2000 (IBGE, 2018).

Para Vono (2009), o envelhecimento é um processo complexo resultante da ação do tempo que interfere nas estruturas física, fisiológica, psicológica, emocional e social de cada ser humano. Inúmeros fatores concorrem para o envelhecimento do indivíduo, entre eles estão a herança genética, a raça, o sexo, as condições ambientais e o estilo de vida.

À medida que envelhecemos, nosso cérebro encolhe [...] As partes que tendem a diminuir mais são os lobos frontais, sendo que os lobos temporal e occipital encolhem mais lentamente. O hipocampo, crucial para a memória, perde de 20 a 30% dos seus neurônios por volta dos 80 anos de idade, o que reflete um

lento declínio inicial, que depois se acelera, possivelmente em razão de doenças (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011, p.326).

Nesse sentido, é evidente que compreender a dinâmica do envelhecimento, com toda a sua gama de alterações morfológicas, funcionais e bioquímicas que afetam o organismo, é também reconhecer a importância da questão para além do campo profissional da saúde, ou seja, se trata de um tema de interesse público. No contexto da obra cinematográfica em análise, em diversos momentos ao longo da jornada do casal, era perceptível o conhecimento de Ella sobre a patologia de John, uma vez que esposa adotava estratégias de convívio eficientes, algumas delas indicadas por profissionais como a terapia da reminiscência, tópico que será abordado adiante. Ao que tudo indica, John apresentava sinais de demência senil. Ao contrário da senescência, fase normal da vida de uma pessoa sadia com 60 anos ou mais (apesar das múltiplas alterações decorrentes da idade), a senilidade é concebida como o envelhecimento patológico ou com doença, ou seja, se caracteriza pela perda da autonomia e exigência de cuidados mesmo em atividades rotineiras (VONO, 2009).

Hoje, se entende como característica essencial da demência senil o comprometimento intelectual, ou seja, alterações na capacidade de raciocínio, na memória ou no comportamento. A demência não é uma alteração normal no processo de envelhecimento, mas um distúrbio degenerativo do cérebro. Essas alterações são consideradas significativas quando divergem dos padrões apresentados anteriormente por determinada pessoa, ou quando acompanham outros sintomas ou ainda quando acontecem de forma súbita (VONO, 2009, p. 19-20).

Essa distinção é importante, pois demonstra que um idoso saudável é capaz de reter informações novas, apesar de alguma eventual dificuldade. Há um déficit em virtude do envelhecimento, mas o inconveniente não compromete substancialmente a rotina da pessoa. Em casos mais graves, como nos de Alzheimer, entretanto, o indivíduo gradativamente perde a capacidade de memorizar informações recentes, ocasionando uma inevitável perda da autonomia.

Em 1906, analisando o tecido cerebral de um paciente que julgava ter sido vítima de uma doença rara, o neurologista alemão Alois Alzheimer acabou por descobrir as características inerentes da doença que leva o seu nome. Mesmo após mais de um século de sua descoberta, o diagnóstico da doença ainda é substancialmente baseado no que foi proposto por Alzheimer (VONO, 2009). Contudo, como ainda não existem testes clínicos específicos e confiáveis que indiquem a presença da doença de Alzheimer (DA), o seu diagnóstico pode ser impossível de ser estabelecido, sobretudo em sua gênese.

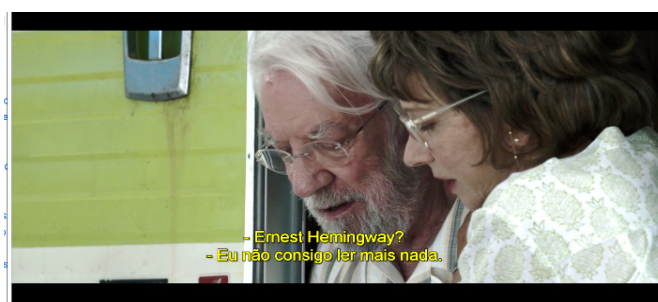
Um grande número de outros distúrbios podem imitar a DA. Já que muitos problemas clínicos podem parecer a doença de Alzheimer, ocorre um erro de diagnóstico em ambos os sentidos – diagnosticar a DA quando o problema é um outro distúrbio, ou diagnosticar outra doença quando se trata realmente da DA. Calcula-se que de 15 a 30% dos que se apresentam com sintomas tipo demência são diagnosticados de forma incorreta, principalmente no começo do curso de suas doenças.” (COHEN, 1995, p.168).

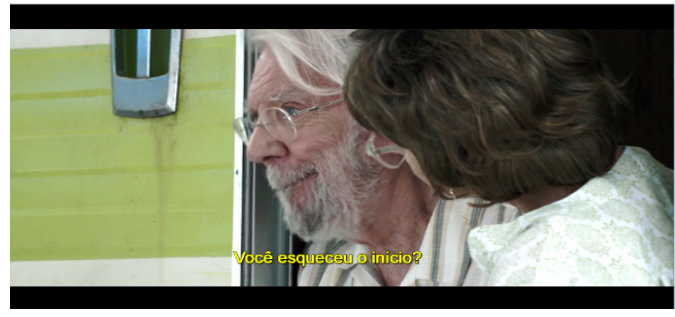
De modo geral, há um determinado consenso entre os pesquisadores apenas quanto aos sinais da doença. A Academia Brasileira de Neurologia (2011) destaca, além da deficiência de memória, a perturbação da linguagem (afasia), a incapacidade de executar certas atividades motoras (apraxia), a incapacidade de reconhecer ou identificar objetos (agnosia) e perturbação do funcionamento executivo, o que inclui o planejamento, a organização, o sequenciamento e a abstração.

Retomando o contexto da obra cinematográfica, intui-se que John apresente alguns destes sintomas. A deterioração de sua memória fica evidente em diversos momentos da trama. Através da narrativa, é possível elaborar um perfil básico do personagem. Em linhas gerais, trata-se de um professor aposentado, na faixa dos setenta anos de idade e que vive sob os cuidados da família. Com efeito, determinadas cenas são emblemáticas e auxiliam na formação de um panorama ilustrativo sobre a doença, na melhor compreensão de seu impacto subsequente na memória, além de fornecerem um quadro representativo sobre os desafios que emergem no ambiente familiar.

No estágio inicial do distúrbio, ele ainda conserva a habilidade necessária para guiar o automóvel durante a viagem (apesar de seguir a direção indicada pela esposa), o que pressupõe uma conservação das atividades motoras. Geralmente associadas à memória implícita (ou não declarativa) na concepção de Baddeley, Anderson e Eysenck (2011) ou memória procedural, como concebe Izquierdo (2002), essas habilidades que se tornam “automatizadas” depois de certo tempo, curiosamente, são pouco afetadas no início da doença. Inevitavelmente, no entanto, o quadro se agrava no decorrer da patologia, inviabilizando até mesmo a execução de tarefas simples como vestir-se e locomover-se.

Em certo trecho do filme, durante uma das pausas ao longo da jornada, John revela para a esposa que está tendo dificuldade em concluir a leitura de uma obra (Sequência 1). Ele argumenta que necessita voltar constantemente para as páginas anteriores, a fim de tentar memorizar e compreender o enredo, devido ao seu esquecimento, como é possível observar a partir da sequência de *frames*:





Sequência 1 – John não consegue ler

Fonte: ELLA e John. **The Leisure Seeker** (Original). Direção: [Paolo Virzi](#). Produção: Fabrizio Donvito; Marco Cohen; Produtoras: Indiana Production; Rai Cinema; Bac Films. Sony Pictures. 2018.

Nesse caso, especula-se que John esteja com dificuldade no processamento da leitura, atividade ligada primordialmente à memória de trabalho. Como esclarecem Cardoso e Flôres (2014, p.4):

A memória é indispensável para a leitura, sendo, então, de importância indiscutível. Em primeiro lugar, porque se relaciona ao próprio processamento da leitura, executado pela memória de trabalho - através do retentor episódico (*episodic buffer*) - que interliga a atividade de leitura *on line* à memória de longo prazo do leitor, ativando-a. A ocorrência dessa ativação evidencia que para ler com entendimento é preciso inter-relacionar informações novas (texto em leitura) com informações preexistentes no cérebro do leitor (conhecimento enciclopédico), e para tanto a memória de LT (longo prazo) é crucial.

É necessário ressaltar que o retentor episódico (*episodic buffer*), tal como concebido acima, segue o modelo proposto por Baddeley (2011). Sua função seria a de reter uma gama de informações e “agir como uma conexão entre vários subsistemas da memória de trabalho, e também de ligar esses subsistemas a *inputs* da memória de longa duração e da percepção” (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011, p.70). Por “leitura *on line*”, compreende-se o processamento de informações (raciocínio e planejamento) realizado pela memória operacional (equivalente à memória de trabalho), segundo o modelo proposto por Roberto Lent (2004).

No caso da DA, evidenciam-se primeiramente essas dificuldades na compreensão da leitura e posteriormente, com o agravamento da doença, surgem também problemas linguísticos severos como dificuldade em encontrar palavras ao se expressar (oral ou verbalmente), além de um declínio na definição de palavras, envolvendo, a partir de então, problemas também na memória semântica (CRAIK e SALTHOUSE, 2008).

Em outro momento da história, John perde, momentaneamente, a noção do ambiente em que está inserido. Ele se encontra num hotel, mas, ao despertar, veste-se e prepara-se da maneira como fazia habitualmente antes de sair para o trabalho. A esposa, então, reprime a ação, evitando transtornos e o possível envolvimento em situações de risco. Ao que tudo indica, esse lapso de desorientação também pode ser avaliado como um sinal de que a memória de trabalho estava comprometida, visto

que ela também é importante no sentido de determinar o contexto em que o indivíduo se encontra, o que está fazendo no momento e o que havia feito anteriormente, ou seja, auxilia na formação de um elo contextual momentâneo da realidade, promove continuidade aos nossos atos, como esclarece Izquierdo (2002).

Esse comprometimento da memória de trabalho e da memória semântica se configura apenas como uma fração dos problemas enfrentados pelos portadores de Alzheimer. Essas memórias, inclusive, não são as que melhor distinguem essa demência de outras relacionadas. Conforme Salthouse e Becker (1998), apesar da presença de uma ampla gama de déficits cognitivos, é possível distinguir a DA primordialmente por uma única característica: a da memória episódica deficiente (apud BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011). Essa memória de longa duração, como conceituada anteriormente, depende essencialmente do tempo. Ela envolve a evocação de informações que se situam num certo momento no tempo, em suma, a recordação de um determinado episódio. Como essa memória envolve não apenas episódios de um passado longínquo, mas também acontecimentos recentes, compreende-se porque John lembrava-se vividamente do trabalho e, inclusive, julgava estar no “passado” (num episódio específico da época em que trabalhava), a ponto de se preparar para suas atividades profissionais, esquecendo o episódio recente, ou seja, a noite anterior de descanso no hotel durante a viagem. De fato, nas fases iniciais, os portadores da doença parecem não encontrar dificuldade em evocar acontecimentos distantes. Contudo, em inúmeras ocasiões, não conseguem recordar o que haviam feito nos dez minutos anteriores.

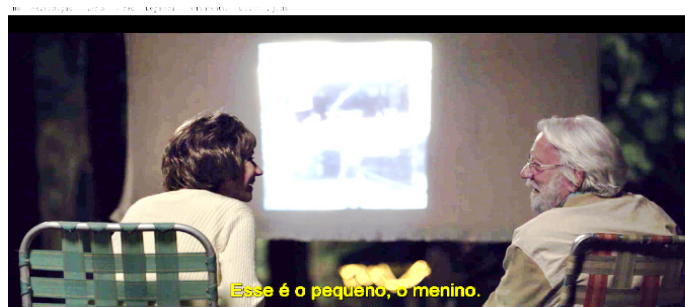
Conforme Craik e Salthouse (2008, p.99, tradução nossa),

O déficit cognitivo inicial na maioria dos pacientes com DA consiste em uma dificuldade progressiva de aprendizado e retenção de novas informações (geralmente referida como déficit na memória episódica). Isso é consistente com o fato de que as primeiras alterações patológicas da doença são vistas em regiões do lobo temporal medial essenciais para a memória normal. Com o tempo, as anormalidades patológicas (e.x., emaranhados neurofibrilares, placas neuríticas, perdas sinápticas e neuronais) afetam cada vez mais as regiões do cérebro, até que essas anormalidades sejam vistas nos lobos temporal, parietal e frontal.

Até o momento, a DA é a principal causa da demência senil, contribuindo com mais de 70% dos casos e sua duração, após o diagnóstico, é de aproximadamente 10 anos (CRAIK e SALTHOUSE, 2008). Porém, a confirmação precisa da doença só pode ser efetuada através de exame *post-mortem*, capaz de revelar as placas amiloides e emaranhados neurofibrilares, seus dois sinais fundamentais (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011; CAYTON, 2000).

Em função do avanço insidioso da patologia, um dos principais desafios que se impõe aos cuidadores é o da relação com o doente no que diz respeito a sua identidade pessoal. A memória autobiográfica se deteriora e o panorama inicial, marcado por dificuldades eventuais em se nomear algum membro do círculo de convívio, progressivamente se torna crítico, culminando na perda total da capacidade

de reconhecimento facial, nesse último estágio em decorrência da disseminação do Alzheimer nas áreas que processam essas informações. No contexto de *Ella e John*, verifica-se que a esposa exibe fotos de familiares e amigos para John em diversas oportunidades (Sequência 2). Essa estratégia se assemelha com a terapia da reminiscência, uma abordagem comportamental utilizada nos estágios iniciais da doença e que envolve o uso de fotografias e outros tipos de documentos. Com o auxílio dessa técnica, a interação entre família, cuidadores e paciente na primeira fase da doença se torna mais harmoniosa (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011).



Sequência 2 – Ella mostra fotografias antigas à John

Fonte: ELLA e John. **The Leisure Seeker** (Original). Direção: Paolo Virzi. Produção: Fabrizio Donvito; Marco Cohen; Produtoras: Indiana Production; Rai Cinema; Bac Films. Sony Pictures. 2018.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos e do levantamento bibliográfico realizado percebe-se a importância de conhecer os tipos de memória, as características do envelhecimento bem como os sintomas e comportamentos relacionados ao Alzheimer e seu impacto na aquisição de novas informações. Para a sociedade, de modo geral, é importante, sobretudo, porque implica na possibilidade de melhora na qualidade de vida das pessoas que enfrentam a doença. Além disso, todo o conhecimento relacionado ao tema não apenas amplia as possibilidades de controle sobre a doença, mas ajuda os familiares e pessoas próximas ao paciente a compreenderem-no de modo mais profundo.

Além disso, a ampliação dos estudos sobre o tema esclarecem algumas ideias errôneas no que diz respeito à diferença entre lapsos do envelhecimento e problemas vinculados à doença em si. Em muitos países, existe uma ausência generalizada da percepção do Alzheimer e de outras demências como sendo uma condição médica. Neste sentido, estes transtornos são considerados como parte do processo natural de envelhecimento – o que, por sua vez, culmina em atraso no tratamento da doença – fator tão importante para o controle da mesma.

Em diversos casos, os indivíduos afetados não procuram ajuda médica em função da pouca ou nenhuma informação específica sobre o reconhecimento da

demência e gestão da mesma, em qualquer nível do serviço de saúde. Diante disso, as famílias se tornam os principais cuidadores dos pacientes, porém, desempenham este papel de modo leigo, com baixo ou nenhum apoio ou compreensão por parte de outros indivíduos ou instituições. Além disso, as pessoas com a doença de Alzheimer e de outras demências são frequente e especificamente excluídas de cuidados de saúde ao domicílio. Muitas vezes, é-lhes negada, inclusive, a aceitação em clínicas ou instalações hospitalares em função do comportamento perturbado – que é comum entre pessoas com demência, mas particularmente mal-entendido, o que leva ao estigma, censura e angústia para com os cuidadores.

Assim, além de uma maior sensibilização, é preciso estabelecer estratégias mais eficazes de capacitação. Nesta perspectiva, ao ampliar os conhecimentos dos cuidadores primários, estes podem fornecer informação, aconselhamento e treino aos familiares do paciente e estes, ao melhorar suas aptidões como cuidadores, conseguem, enfim, reduzir a pressão sobre si próprios, melhorando o relacionamento com o paciente.

Observa-se, finalmente, que se as pesquisas e estudos avançam significativamente ao longo das últimas décadas, por outro lado, os processos imbricados na complexidade da mente humana, da memória e dos sistemas a ela relacionados funcionam, ainda, de modo obscuro e misterioso. Ainda há muito a ser desvendado. Entretanto, é importante ressaltar que o conhecimento sobre o tema, seja em artigos como este, em obras cinematográficas ou em outros materiais de pesquisa, oferece a oportunidade de reflexão, sensibilização e aquisição de uma postura de empatia e alteridade – sempre imprescindíveis e atuais em quaisquer tempos e campos de estudo.

REFERÊNCIAS

Associação Médica Brasileira e Agência Nacional de Saúde Suplementar. **Doença de Alzheimer: diagnóstico**. Diretrizes Clínicas na Saúde Suplementar (artigo). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/485/944>. Acesso em: 5 jun.2018.

BADDELEY, Alan D.; ANDERSON, Michael C.; EYSENCK, Michael William. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAYTON, Harry; GRAHAM, Nori; WARNER, James Dr. **Tudo sobre doença de Alzheimer**. São Paulo: Organização Andrei, 2000. 161 p.

CRAIK, Fergus I. M.; SALTHOUSE, Timothy A. (Coord.). **The handbook of aging and cognition**. 3rd ed. New York: Psychology Press, 2008.

COHEN, Gene D. **O cérebro no envelhecimento humano**. São Paulo: Organização Andrei, 1995. 291 p.

ELLA e John. **The Leisure Seeker** (Original). Direção: Paolo Virzì. Produção: Fabrizio Donvito; Marco Cohen; Intérpretes: Helen Mirren; Donald Sutherland e outros. Roteiro: Francesca Archibugi; Francesco Piccolo e Paolo Virzì. Trilha Sonora: Carlo Virzì. Produtoras: Indiana Production; Rai Cinema; Bac Films. Distribuição (Brasil): Sony Pictures. Gênero: Comédia dramática, Romance; Nacionalidade: Itália, França. 2018. (113 min), color.

FLÔRES, Onici C.; CARDOSO, Rosane M. Leitura e Memória. **Revista Investigações**. v. 27, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/485/944>. Acesso em: 5 jun.2018.

GARDNER, Howard. **A nova ciência da mente**: uma história da revolução cognitiva. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

GLEITMAN, Henry; FRIDLUND, Alan J.; REISBERG, Daniel. **Psychology**. 6 ed. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Agência IBGE de Notícias. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017.html>. Acesso em: 5 jun.2018.

IZQUIERDO, Iván. A mente humana. **Multiciência**, v.3, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/IZQUIERDO.pdf>. Acesso em: 28 maio de 2018.

IZQUIERDO, Iván. **Memória** [recurso eletrônico]. – 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: Artmed, 2014. e-PUB Disponível em: <https://edoc.site/memoria-ivan-izquierdopdf-pdf-free.html> . Acesso em: 29 maio de 2018.

OMS.ONUBR. **Mundo terá 2 bilhões de idosos em 2050; OMS diz que ‘envelhecer bem deve ser prioridade global’**. Publicado em 07/11/2014. Atualizado em 11/11/2014. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mundo-tera-2-bilhoes-de-idosos-em-2050-oms-diz-que-envelhecer-bem-deve-ser-prioridade-global/>. Acesso em: 5 jun.2018.

SQUIRE, Larry R. Declarative and nondeclarative memory: Multiple brain systems supporting learning and memory. **Journal of Cognitive Neuroscience**, v 4, 1992. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/8112/ee8ca689a99ca4960c9694d8b560729dbb41.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

STERNBERG, Robert J. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 494 p.

TULVING, Endel. Episodic and semantic memory. In: E. Tulving e W. Donaldson (Eds.). **Organization of memory**. London: Academic Press, 1972. 423 p.

VONO, Zulmira E. **O bem no mal de Alzheimer**. São Paulo: SENAC-SP, 2009. 192 p.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-280-7

